



O sujeito bipartido em *Sob céus estranhos*, de Ilse Losa

The bipartite subject in *Sob céus estranhos*, by Ilse Losa

Christini Roman de Lima¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Porto Alegre, Brasil

christiniroman@gmail.com

Estrangeiro: raiva estrangulada no fundo de minha garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Símbolo do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta de nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia.²

Resumo: O artigo trata da obra *Sob céus estranhos*, de Ilse Losa. O foco da análise centra-se no drama dos refugiados a partir da experiência real da autora como exilada alemã naturalizada em terras portuguesas, drama esse configurado por meio da forma literária, representando não apenas uma catástrofe pessoal, mas também coletiva.

Palavras-chave: *Sob céus estranhos*. Ilse Losa. Refugiados.

Abstract: The article deals with the work *Sob céus estranhos*, by Ilse Losa. The focus of the analysis is on the drama of refugees from the author's real experience as a German exile naturalized in Portuguese lands, a drama configured through the literary form, representing not only a personal catastrophe, but also a collective one.

Keywords: *Sob céus estranhos*. Ilse Losa. Refugees.

Sob céus estranhos é o terceiro romance da escritora judia luso-alemã, Ilse (Lieblich) Losa, publicado em 1962, pela Editora Portugália. A obra apresenta o dilema do refugiado que deixa a Alemanha, antes do início da guerra, fugindo das perseguições antissemitas, aportando em solo português como destino provisório e, mais tarde, fixando-se no local de adoção e buscando integrar-se em

¹ Doutora em Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² KRISTEVA, 1994, p. 9.



sua comunidade. Na narrativa, a autora retrata a experiência vivida por meio da forma literária. Assim, em *Sob céus estranhos*, Ilse Losa representa a história de perseguição vivida por ela (e pelo irmão), por milhares de refugiados que tiveram de deixar a Alemanha, mas também simboliza a errância milenar do povo judeu.

Ilse nasceu no ano de 1913, em Buer, um pequeno povoado próximo à Osnabrück, na Alemanha. Era filha de judeus assimilados: Arthur Lieblich e Hedwig (em solteira, Hirsch). O casal teve três filhos: Ernest, Ilse e Fritz. Após a morte do pai, em 1928, a jovem foi para a Inglaterra trabalhar como *au-pair* — babá de crianças. Em 1933, retornou à Alemanha, sentindo pesar sobre si a atmosfera antissemita deflagrada com a ascensão de Hitler ao poder. Ilse decidiu migrar para Portugal porque temia sua segurança depois de ter uma correspondência apreendida — correspondência essa em que criticava a política nacional-socialista — e de ser chamada pela Gestapo para esclarecimentos. O irmão mais velho, Ernest, já se encontrava na cidade do Porto — ele fugira pouco antes, em razão da violência sofrida por parte de um grupo nazista.

A autora chegou ao Porto em março de 1934, cidade onde se radicou. Ernest dava aulas de alemão a alunos de Belas-Artes, fator responsável pela convivência dos irmãos com a comunidade artística. Um ano depois, ela casou-se com o arquiteto Arménio Losa, adquirindo, assim, nacionalidade portuguesa. O irmão, que deixara Portugal para estudar canto na Itália, retornou em 1939, sendo preso porque o prazo de permanência expirara — passou quinze meses entre Caxias e o Aljube até receber o visto de entrada para os Estados Unidos. Em 1941, seus avós passaram por Lisboa em um comboio blindado rumo à Argentina. Ilse construiu sua vida em Portugal, falecendo em janeiro de 2006, no Porto que a acolhera.

Ilse Losa expõe o drama dos refugiados a partir da sua experiência real como exilada alemã naturalizada em terras portuguesas em *Sob céus estranhos*. Os acontecimentos abordados na obra são correlatos aos vivenciados por ela, o que confere ao romance um caráter próximo ao autobiográfico. Ilse é uma refugiada que enfrentou dilemas por ser mulher e estrangeira, buscando inserir-se no universo literário português. Segundo Karina Marques,³ “construir-se e legitimar-se como autora em um meio literário atávico patriarcal enquanto mulher e estrangeira foi o desafio maior ao qual se impôs”. Portanto, a condição de estrangeira impunha-se sobre ela como uma dupla barreira a transpor, uma

³ MARQUES, 2016, p. 137-138.



vez que a admissão das mulheres nos gêneros literários tidos como hierarquicamente superiores era um desafio em Portugal⁴.

A adoção do idioma foi outro fator a superar. O amigo e escritor Mario Dionísio, com quem se correspondia, sugeria a Ilse que escrevesse em alemão e transpusesse depois para o português, para que seu texto não ganhasse “ar de tradução” — o que sentia em muitas de suas páginas. Ela contestava:

Traduzir, eu? Procurando nos dicionários as palavras adequadas? É a pior coisa que há. Se não se escreve, pensando na língua em que se escreve a coisa sai cocha [...]. Considerando que em quatro anos consegui fazer progressos consideráveis na língua portuguesa, não seria, de facto, o caminho a tomar o da persistência? [...] como vivo cá, parece-me lógico escrever na língua do país.⁵

A obra de Ilse Losa carrega traços de sua biografia, uma vez que os acontecimentos retratados aproximam-se à experiência vivida. Com base nesse aspecto, questiona-se se o pacto autobiográfico se consuma em *Sob céus estranhos*. Além disso, busca-se analisar por que a autora opta pela conversão da experiência feminina mediante um narrador masculino. Esses são alguns aspectos que o capítulo em questão se propõe examinar.

A intriga do romance centraliza-se na trajetória de Josef Berger, jovem de origem judaica nascido na Alemanha, que testemunhou a ascensão do Terceiro Reich, o que o obrigou a deixar o país, migrando para Portugal. Como expatriado, Josef buscava conseguir a documentação necessária para seguir viagem rumo aos Estados Unidos. Acabou, entretanto, permanecendo no país e lutando para se incluir e ver-se incluído na sociedade local. Josef, nesse percurso, converte-se em José, o “cinquenta por cento” de algumas partições: rácicas (dividido entre a origem judaica e a germânica), emocionais (entre a paixão não correspondida pela amiga Hannah e a mulher Teresa), geográficas (entre a terra de nascimento e o local de adoção) e linguísticas (entre sua língua materna, o alemão, e o português).

A narrativa também é bipartida entre dois narradores: os capítulos primeiro e último apresentam um narrador heterodiegético e os de entremeio outro,

⁴ MARQUES, 2016.

⁵ Citado por MARQUES, 2016, p. 142.



homodiegético. *Sob céus estranhos*, desse modo, exhibe uma estrutura de enquadramento. O tempo também se bifurca entre o momento da enunciação e o momento do enunciado. A estrutura formal da obra, não obstante, converte-o em idas e vindas, as quais principiam e arrematam em um mesmo ponto: o nascimento do filho.

A narração se dá entre a perspectiva do passado de Josef na Alemanha, do pretérito recente de sua chegada e de sua adaptação à cidade do Porto e, por fim, do futuro — não mencionado, mas sugerido — com vistas na vida na família que construiu. O porvir faz parte da moldura final, achando-se em aberto; o entremeio — onde não há especificidade temporal clara —, tem seu desfecho no aspecto que dá ensejo a essa moldura: o filho que a mulher espera.

A ação do romance inicia com o narrador heterodiegético apresentando o protagonista, José, em uma sala do Hospital de Santa Isabel, onde aguarda o nascimento do filho com a portuguesa Teresa. O tempo da narrativa se dá entre o intervalo da espera e a chegada do bebê, ou seja, o momento da enunciação ocorre no decurso das, aproximadamente, três horas do trabalho de parto em uma noite de princípio de outubro de 1948, três anos após o fim da Segunda Guerra Mundial.

No romance, a passagem da narrativa em terceira pessoa para a primeira pessoa ocorre gradualmente. A inserção do discurso indireto livre, por sua vez, aproxima o narrador heterodiegético do protagonista. A voz do narrador se une, paulatinamente, à rememoração da personagem (essa rememoração é desencadeada quando Josef chega em sua casa e, ao ligar para o hospital, é informado que o parto de seu filho ainda demoraria):

Levantou-se e foi ao telefone. Desta vez atendeu a parteira. A sua voz inspirava confiança. Sim, ainda demorava, mas não havia motivo para aflições. Dali a umas três horas. E podia ele levar os chinelos da mulher que ficaram debaixo da cama? **A Teresa a lembrar-se dos chinelos, no meio das dores! Só ela! Mas que é isso? O Tasso deitado em cima do cobertor.**

— Sai daí, Tasso!

Levantou o cobertor e guardou-o. “Tenho frio”, disse Teresa. Ele foi buscar o cobertor para lhe cobrir as pernas [...]. Ligou o rádio: ondas curtas. Uma voz feminina, grave, quente,



como veludo vermelho. As vozes faziam-lhe sempre lembrar cores [...]. **Estranho Teresa ser uma mulher tão oposta à mãe. Possivelmente o mau exemplo tem, em determinados casos um efeito salutar.**⁶

No excerto, aponta-se o início do passeio pelas reminiscências de José. O narrador invade os pensamentos da personagem e os expõe. O discurso indireto livre desse trecho, entretanto, gera dúvidas em relação às reflexões expostas: não se pode precisar de quem é a voz, do narrador ou da personagem; ambas parecem convergir. A transferência das instâncias narrativas, todavia, orchestra-se pela fusão das vozes e concretiza-se no segundo capítulo da obra, quando o narrador heterodiegético passa totalmente a palavra ao protagonista — para só a retomar no último capítulo.

O quadro que se desenvolve a partir e em meio a essa moldura — que é retomada no último capítulo — faz parte do fluxo do pensamento de José. A transição efetiva-se com a reflexão sobre o tempo, um gatilho que o conduz até a violência sofrida antes de sua partida para Portugal:

“O tempo voa”, dizia o Sr. Ribeiro Pinto há pouco, no café. “O tempo não passa”, dizia Teresa à espera da hora do parto [...]. É que Teresa estava a espiar o tempo e o tempo não passava. E agora a hora do parto tinha chegado e o tempo parava por completo, o relógio do hospital tornava-se insuportável, impertinente, e Teresa tinha a cara arroxeadada e torcida de dor. Mas o Sr. Ribeiro Pinto não estava a espiar o tempo, estava a viver as coisas passadas, “parece que ainda foi ontem”. Por isso para ele o tempo voava como uma ave sem destino. Mas na realidade, porque havia sempre para além de todas as sensações e comoções uma realidade, não voava o tempo? Não voava mesmo, como uma ave sem destino? Não tinha voado desde o dia em que...

... eu percorria de bicicleta a paisagem [...]. De repente senti-me tombado no chão. Outros corpos precipitaram-se sobre meu corpo: mãos abertas, punhos, unhas, botas.⁷

⁶ LOSA, 1962, p. 31, grifos nossos.

⁷ LOSA, 1962, p. 38-39.



A passagem de um narrador para o outro se consoma sutilmente. Tal aspecto, incidindo com os traços autobiográficos da autora, sugere que o narrador heterodiegético se aproxima tanto do protagonista — que pode olhar para si como um “outro” — quanto da autora, buscando caracterizar as histórias dos refugiados como semelhantes entre si (diferindo-se apenas em poucos aspectos e convergindo em fatores essenciais — como o sofrimento). Josef seria, ao mesmo tempo, uma representação de todos os seus iguais e da singularidade entre eles:

Nós somos feitos uns dos outros, pensou José. Formamo-nos pela vida fora das muitas parcelas que são os outros, e somos, por nossa vez, uma parcela desses mesmos outros (p. 21).

[...] escutava atentamente todas as histórias dos recém-chegados, embora tais histórias se assemelhassem umas às outras e à sua própria (p. 65).

“Todas as nuances entre os homens, pensei, se apagam quando se trata do sofrimento e do amor, da mesma maneira que se apagam na morte”. (p. 129)

A intriga do romance remonta à passagem de Josef para José, o alemão naturalizado português. A cidade em que ele nasceu não é identificada. O seu nome evoca a personagem do Antigo Testamento, José, filho de Israel. O protagonista de *Sob céus estranhos*, por sua vez, era filho de um judeu, Leo Berger, e uma protestante, Waltraut (Waldefricke, em solteira), o que o tornava um: “‘cinquenta por cento’ — sou uma espécie de mulato branco”⁸. Anton, conhecido também por Tony, era o irmão mais velho. Tony partira para Nova Iorque pouco antes do protagonista, ele fora afiançado por um tio-avô.

A fúria antissemita atingiu Josef de modo inesperado: foi espancado por um grupo racista — “Espicha, porco judeu!”. No hospital, logo após, o tratamento não foi diferente: “Judeu? Pegue-lhe você, eu estou-me nas tintas”⁹. O seu pai, o *good old man* (como o apelidara o irmão) decretou não haver alternativa para o

⁸ LOSA, 1962, p. 53.

⁹ LOSA, 1962, p. 39.



protagonista que não fosse a emigração, uma vez que nem o sangue ariano da mãe lhe valeria de refúgio:

—Não há outra saída — repetiu o good old man. —Nem sequer tua mãe te pode valer. Não te deixarão em paz, tens tipo judaico. Perderam a razão e sabe-se lá quando a recuperarão¹⁰.

Josef, no período, cursava a faculdade de Medicina — foi obrigado a abandoná-la — e namorava uma moça, Liesel, a qual lhe jurara amor eterno. Não obstante, no primeiro sinal de ameaça, a jovem virou-lhe às costas, juntando-se a uma nova turma de amigos, turma formada por rapazes uniformizados de castanho¹¹. Josef optou pela América, mas atravessar o oceano não seria tão simples como sua família supunha.

Exigia-se, para ingressar nos Estados Unidos, uma fiança em torno de dois mil dólares — o dobro do requisitado quando Tony partiu. O tio-avô, que afiançou o irmão, não poderia custeá-lo, portanto, não teriam dinheiro suficiente para garantir a entrada do protagonista em solo americano. O pai, desse modo, procurou o rabino da cidade, o velho Reh, a fim de encontrarem juntos uma alternativa para o dilema de Josef. O rabino julgava que seria fácil para o jovem dar “o salto para a América”¹² a partir de Portugal, a “última ponta da Europa”.

O protagonista teve o passaporte apreendido pelas autoridades alemãs, mas não encontrou dificuldade com a autorização de permanência em Portugal, renovada a cada trinta dias. A simplicidade para se estabelecer em terra lusitana só foi possível devido ao período da migração, anterior à torrente de refugiados que desembarcou no país e às leis que visavam conter esse fluxo. Josef, no entanto, não continuaria a viagem porque a fiança que o irmão enviara não era suficiente para assegurar-lhe um visto americano.

O número de refugiados que chegava em Portugal amplificava-se, concomitantemente ao alastrar da guerra e das ocupações dos países invadidos.

¹⁰ LOSA, 1962, p. 40.

¹¹ A grande maioria da juventude alemã ingressara nas Ligas da Juventude Hitlerista, a qual funcionava como uma escola de caráter militar — e o uniforme dos garotos era na cor marrom —, cuja adesão, no princípio voluntária, tornou-se, mais tarde, obrigatória.

¹² LOSA, 1962, p. 45.



A maioria desses “refugiés” frequentava o café Superba. A memória do narrador não consegue trazer à tona todos os que passaram pelo Superba, uma vez que “eram muitos e sempre outros”¹³. Alguns, entretanto, ficaram marcados em seu espírito. O velho Samuel Sperber, um senhor de mais de oitenta anos, de longas barbas brancas, ainda afeito a aprender o idioma local e sempre disposto a ajudar aos companheiros de infortúnio: “sou um morto à espera de uma boa alma que me enterre”¹⁴, dizia ele. Morreu sozinho, em um quarto desconfortável, sendo enterrado no cemitério judaico de Lisboa.

Além de Sperber, José relembra Egon Frank, escritor que produzira várias obras de poesia, ensaios e traduções publicadas na Alemanha, mas desconhecido pelos frequentadores do café. Tinha em torno de cinquenta anos e estava escrevendo um novo romance. Presença constante ao seu lado era o jovem Hans — o narrador insinua o caráter homoafetivo do relacionamento entre os dois. Frank e Hans suicidaram-se juntos, tempos depois, em Santa Monica, já nos Estados Unidos, para onde se transferiram.

Ele lembra ainda de um jovem polaco com olhos velhos, olhos em que se liam horror e mágoa. Esse jovem testemunhara um massacre de crianças, perpetrado pelos alemães. As histórias dos frequentadores do Superba se assemelhavam: “grupos coloridos de expulsos, errantes, passantes sem passaportes ou sem visto, gente com desejo ardente de permanecer em qualquer parte”¹⁵. De todos os “refugiés” com que contatou, Hannah foi quem mais marcou o protagonista: apaixonara-se por ela. Josef foi apresentado à jovem em sua casa — morava com o marido, Theodor Mündel. Os Mündel chegaram ao Porto quatro anos antes dele e, portanto, os bens materiais foram preservados.

Quando a guerra foi deflagrada na Europa, o cotidiano português manteve-se inalterado:

— Guerra! José. Os Alemães invadiram a Polônia!
— Sardinha fresca! Sardinha fresca! — continuava a voz lá de baixo.¹⁶

¹³ LOSA, 1962, p. 65.

¹⁴ LOSA, 1962, p. 65.

¹⁵ LOSA, 1962, p. 65-66.

¹⁶ LOSA, 1962, p. 82.



O consulado americano, por sua vez, encheu-se de fugitivos de todas as partes do continente. Com isso, os rigores referentes à documentação foram reforçados pela Polícia Internacional. Os refugiados da guerra tornaram-se uma “avalancha de indesejáveis” (p. 82), aos quais, raramente, prolongavam a autorização de permanência para além dos trinta dias iniciais. As cadeias transbordavam de gente desesperada. Mulheres e crianças, homens cansados e angustiados esperavam nos corredores e nos escritórios modestos dos *comités* judaicos de emergência — sustentados pelas mais variadas moedas. Essas pessoas mendigavam sustento ou algum dinheiro para que pudessem prosseguir viagem. A população local não tinha noção do drama dos estrangeiros com quem passaram a dividir espaço, “salvo que tinham trazido consigo um mundo de intranquilidade, confusão e [...] o pavor da instabilidade”.¹⁷ A guerra era percebida pelos portugueses¹⁸ tão somente em função dos racionamentos, dos preços das mercadorias e do surgimento de um mercado negro.

À medida que a guerra avançava, mais desterrados aportaram em Portugal: depois dos fugitivos da guerra, foi a vez dos prisioneiros dos campos de concentração — resgatados por altas somas:

Vinham acabrunhados, esfomeados como bichos, humilhados até à ira ou à apatia, ou tomados desse azedume peculiar das pessoas que estão em disputa com seu destino por saberem que o fantasma da abjeção infernal se intrometerá, para sempre, com um riso escárnio, entre elas e o mais breve momento de alegria e de despreocupação, condenando-os ao tormento das angústias, das visões macabras, e de descrença em Deus ou no Homem. Ainda dominados pelo medo e pelas ameaças, suspeitando em cada indivíduo um criminoso ou um denunciante.¹⁹

Esses seres arrasados relatavam o que viram e o que suportaram com “olhos assombrados” e “mãos trêmulas”. O “pão nosso de cada dia” nas conversas entre os evadidos era as atrocidades dos campos e as dificuldades com os vistos.

A guerra chega ao fim e, com ele, uma multidão saiu às ruas portuenses agitando bandeiras, cantando a Marselhesa e comemorando a vitória aliada que despertava a esperança na democracia. Pouco tempo depois, José conheceu

¹⁷ LOSA, 1962, p. 83.

¹⁸ Portugal manteve-se neutro no conflito.

¹⁹ LOSA, 1962, p. 100.



Teresa, sua futura esposa. A violência perpetrada pelos conterrâneos, ainda assim, não saía da cabeça do protagonista: as atrocidades e suas consequências permaneceram vivas em si como imagens recorrentes:

A mim, naquele momento, surgiu-me o jovem polaco que vira os alemães levarem centenas de crianças ao massacre e também a cena que me contara uma rapariga, entretanto morta pelo abuso de pastilhas tranquilizadoras: “Marta — disse o médico, em Auschwitz, a quem lhe era permitido dar ajuda —, vai depressa buscar umas ligaduras lá fora, na sala ao fundo do corredor e deparou-lhe um monte de cadáveres nus, acamados uns por cima dos outros, como lenha para a lareira...” Ou será também isso um modo de [os alemães] serem perfeitos.²⁰

Casou-se com Teresa, mas o sentimento de solidão e deslocamento ainda persistiram. Sob seus olhos perpassou, assim, a infância, o seu *good old man* (falecido na América, após ter deixado a Alemanha às pressas), a sua terra natal e o grupo do Superba. Ele questionava se não deveria ter partido junto desses, pois talvez fosse a esse grupo que pertencesse:

[...] gente [...] tão heterogênea, sempre igual e sempre outra, dominada pelo único desejo de se refugiar, sobreviver, permanecer e com quem eu, quem sabe? devia ter partido, de terra em terra, porque era a eles, aos expatriados em procura duma pátria, que eu pertencia.²¹

Entre as possibilidades e impossibilidades de pertença, Josef, José no instante do relato, encontrou guarida em Teresa, a sua nova pátria e a sua promessa de futuro. No agora do corpo de Teresa, José tinha a sensação de regressar de uma “longa viagem solitária para se saber de novo acolhido, amparado”.²²

José, não obstante, retornou à Alemanha com a mulher. Ele imaginara muitas vezes essa volta: imaginara as ruas, os cheiros, os ruídos e os rostos familiares que ficaram para trás. Nada, porém, era como antes:

²⁰ LOSA, 1962, p. 157.

²¹ LOSA, 1962, p. 185.

²² LOSA, 1962, p. 186.



[...] numa cidade onde grassara a morte, os ruídos são surdos e ocos e trazem ecos de túmulos, e onde o crime fora legitimado, retumbam gritos das valas comuns e dos crematórios, e os cheiros são acres e podres, evocando cadáveres, e os rostos são velhos e sulcados, desconhecidos e distantes, carregando amargura. Mas a casa, a minha casa era a mesma.²³

Encontrou tão somente restos de um passado com cidades destruídas e o país destroçado. Na sua cidade natal, as pessoas conhecidas demonstravam comoção em seus rostos envelhecidos. Teresa parecia-lhes exótica, e sua língua assemelhava-se ao polaco, uma “corja maldita”, disparavam. A amabilidade dos compatriotas ocorreu-lhe como a indagação:

Onde estavam os que me tinham derrubado na estrada e que “se estavam nas tintas” para comigo? Onde estavam os que escorraçaram o *good old man*? Os que encerraram toda essa gente num comboio selado que entrou, certa noite, na estação do Rossio? Ninguém parecia ter expulsado ninguém. Fora então medonho pesadelo o grupo do Superba, sempre diferente, sempre o mesmo e sempre em fuga, as corridas aos consulados para obter vistos, os cais apinhados de gente difamada e humilhada, os barcos superlotados, os suicídios, o terror e o medo? Ninguém parecia ter assassinado ninguém. E nenhuma dessas pessoas solícitas tinha cara de ser um assassino de crianças. Lamentavam, sentiam muito e, por vezes, até choravam. Mas não se apresentou um único que tivesse estado presente nos dias de carnificina. Estiveram todos ausentes, todos!²⁴

José não queria e não podia virar a página do ocorrido, pois era uma das tantas vítimas do *Judenhass* (ódio aos judeus) — que expulsara e os exterminara do solo germânico. Ele não podia anistiar seus compatriotas porque as suas feridas ainda sangravam. Em meio ao caos, fruto da derrota, ele questionava as responsabilidades daquela população que lamentava.

²³ LOSA, 1962, p. 195.

²⁴ LOSA, 1962, p. 197.



A cidade de José, dez anos depois de deixá-la, não era a cidade de Josef, ou seja, jamais seria a mesma de antes de partir. Ele, do mesmo modo, não era mais o garoto inocente de antes da violência sofrida. O narrador aponta que se construiu a partir de seu agressor e que a brutalidade cometida sempre viverá nele:

E posso eu ser o mesmo depois de ter conhecimento de que eles mataram crianças e de tudo aquilo de que os homens são capazes? Depois de me perseguir em sonhos a imagem daquele menino — seis anos, sete anos? — de boné, blusão e soquetes, olhos aterrorizados, as mãos no ar? Mãos no ar!, e o soldado: botas, essas medonhas botas cujo bater rítmico, disciplinado, não deixa de ressoar nos meus ouvidos [...], espingarda apontada para o menino: mãos no ar! E os mirones em volta, indiferentes ou a rir, sem se envergonharem daquela situação absurda, covarde, infame, ridícula: as bestas pondo a sua marca viscosa e indelével no século de Makarenko e de Montessori^{25, 26}

A casa paterna fisicamente era igual à de sua infância, no entanto, não era a mesma, não era o seu lugar de regresso: o pai não estava mais lá, nem o irmão, e ele reconstruíra sua vida na pátria que o adotou, nos braços de sua mulher. A esposa trazia-lhe, ao fim do percurso, a notícia da continuação possível: conceberia um filho. O menino, o ser minúsculo e ensanguentado, deu sentido à linda palavra “ficar” — “*bleiben, to stay, rester...*”²⁷ —, deixar-se ficar: o filho não seria estrangeiro, ainda assim nada era inalterável no mundo e estabilidade, e segurança eram conceitos cerceados de ilusão.

O ponto de chegada da obra, o nascimento do filho, é também o ponto de transição de uma situação para outra — o devir engendrado pela fertilidade, a possibilidade de um novo caminho. A “eterna fuga do homem”, sina dos judeus errantes, faz de Josef/José continuação ou parte da personagem bíblica: José do Egito. Dentro dessa perspectiva, ele também se aproximaria de Moisés, ou do povo conduzido por esse na fuga da opressão e escravidão. *Sob céus estranhos* aborda essa aproximação em suas páginas.

O romance de Ilse Losa, formalmente, encerra e inicia como o Antigo Testamento o faz com a história de “José do Egito”: a passagem bíblica está envolta pela referência aos filhos de Israel, tanto ao iniciar a história de José quanto em seu

²⁵ Pensadores da educação do início do século XX.

²⁶ LOSA, 1962, p. 22.

²⁷ LOSA, 1962, p. 203.



término — ao dar início à trajetória de Moisés (Êxodo). Além disso, a aproximação entre o protagonista de *Sob céus estranhos* e esse vulto do Velho Testamento é realizada na própria narrativa: a personagem é associada ao homônimo bíblico em dois momentos. O primeiro diz respeito ao momento anterior a sua migração e é a namorada alemã, Liesel, quem os vincula:

Ela chamava-me Jo. Não gostava de Josef, dizia que os meus pais tinham sido uns irresponsáveis ao dar-me um nome tão desagradável. “Josef do Egito”, troçava, “que horror”. Não sei bem porque achava um horror.²⁸

O segundo momento é protagonizado por um amigo Nils, no dia em que se conheceram, após uma bebedeira:

- Onde é que eu moro, José do Egito?
- Sei lá, Nils.
- Nem eu. E tu onde moras? Tens alguma ideia?
- Uma ideia muito vaga.
- Então vamos a tua casa, Félix.²⁹

As duas referências têm sentidos opostos. A última aproximação parece uma brincadeira jocosa. A primeira menção, no entanto, demonstra o preconceito racial da garota que, em um futuro breve, aderirá aos camisas pardas, o grupo de jovens hitleristas. Ademais, José do Egito é responsável pela preservação do povo judeu, portanto, simboliza sua continuidade, mas, de certa forma, é também o motivador da errância, da fuga das perseguições do Egito — e das dispersões futuras.

Quando a garota refere a irresponsabilidade dos pais do protagonista ao nomeá-lo, supõe-se que faça menção ao fato de a figura lendária ser a responsável pela disseminação do povo judeu, por aumentá-lo e espalhá-lo pelo mundo, sendo assim, era também culpado pela sua inserção no seio ariano — a política nacional-socialista visava ao caminho inverso ao que José do Egito edificou, almejava a eliminação total dos filhos de Israel por meio do genocídio.

Resumidamente, a passagem bíblica destaca que José foi vendido pelos irmãos para mercadores e tornou-se governador do Egito. Além de interpretar sonhos, soube administrar as provisões egípcias em tempo de fartura, garantindo o

²⁸ LOSA, 1962, p. 39.

²⁹ LOSA, 1962, p. 96.



sustento da população em período de escassez. Depois de uma vida no exílio, e com grandes poderes no país em que habitava, ele perdoará os irmãos. É por seu intermédio, todavia, que Jacó/Israel partiu com todo o seu clã para o Egito, fugindo da fome. A travessia, destarte, viabilizou-se em função de José, ou melhor, graças às benesses do Faraó, que concedeu carroças e mantimentos em agradecimento ao seu governador. No Egito, todos os filhos de Israel tornaram-se forasteiros, mas o acolhimento foi-lhes favorável no primeiro momento. Jacó acabou designando José como o herdeiro da aliança divina iniciada em Abraão, e sua linhagem se estabeleceu e converteu-se em um povo numeroso.

A fecundidade da terra e da acolhida proporcionou a continuação do “nome do pai”: Israel nasceu como povo em terra estrangeira. No entanto, a condição de estrangeiro permaneceu arraigada aos descendentes e transformou-se, no seio do país hospedeiro, em matéria controversa, gerando rejeição e escravidão, forjando um estigma de que o êxodo não pode livrá-los. Jacó, que lutara com Deus para tornar-se Israel, permanecerá — como povo — em perpétuo combate.

Na obra de Ilse Losa, a referência a José do Egito, no início da narrativa, feita pela garota alemã, Liesel, pode ser lida como a frustração da promessa de futuro em sua terra natal que o leva ao exílio e, abrangendo mais a interpretação, pode ser vista como um revés da promessa divina feita a Jacó e transmitida ao seu filho, José. De outro lado, o nome Liesel é uma variante de Elisabeth, nome hebraico que significa “juramento de Deus”. Ela, por sua vez, jurou amor eterno ao garoto e, quando a ascendência do menino se tornou perigosa, o rejeitou, esquecendo o voto feito.

Ana Isabel Marques³⁰ registra que a menina personificava a traição. O ato de selar, sugando o sangue do protagonista, a ligação — supostamente insolúvel — entre os dois e renegá-lo depois seria a inscrição dessa personificação. A autora³¹ sublinha:

Atente-se nas conotações mefistofélica deste passo. [...] A serenidade cáustica de Liesel, bem como os “dentes certinhos e muito brancos”, que se tornam um *Leitmotiv* na descrição da personagem, reforçam a sua aura malévola. Também o fato de esta surgir em sonhos a acirrar canídeos sobre pessoas indefesas tem alguns paralelos com a ferocidade das perseguições nazis.

³⁰ MARQUES, 2001.

³¹ MARQUES, 2001, p. 143.



A promessa divina feita aos filhos de Israel, dentro de uma lógica mefistofélica, seguiria, com o advento do nazismo, o tempo ao contrário, ou círculos que os conduzem sempre ao ponto de ruptura, ao ponto da fuga — seja a fuga do Egito ou a primeira queda do homem, excluído do Paraíso. Thomas Mann, em *José e seus irmãos*³², aponta (em seu prelúdio) que o “descer ao poço do passado” — repensar a história — era uma intercorrência complexa, pois o poço do passado é um poço sem fundo:

[O] desejo de achar um começo para a série de acontecimentos que lhe dizem respeito ia tropeçar na mesma dificuldade que sempre se contrapõe a um tal esforço, isto é: verificar que cada qual tem um pai, que nenhuma coisa é a primeira e nasce de si mesma, nem é causa de si própria, e que toda gente é gerada e aponta para trás, mais fundo dentro da profundidade das origens, nos abismos e sumidouros do passado.³³

Esse poço de que trata o narrador de Mann tinha como ponto de partida o “agora” — um presente imiscuído pelo signo da tradição (portanto, pretérito) e também das profecias coloridas de futuro —, formado a partir de uma construção de referências que querem dar sentido às vidas e, deste modo, erigem começos — como a ideia do Paraíso:

Que peregrinação frustrada! Que embuste a impelir-nos sempre para diante! Porque mesmo se fosse possível ou escusável, conquanto enganador, identificar como Paraíso a terra das maçãs de ouro [...], como poderíamos nós, ainda com a melhor vontade de nos iludirmos, continuar com essa ideia na presença do mundo lemuriano que é o nosso seguinte e mais afastado bastidor do tempo [...]. Não era isto o jardim do Éden, era o Inferno. Ou melhor, era o primeiro estado maldito depois da Queda.³⁴

O narrador de Thomas Mann, ao recontar a história de José do Egito, busca entrar no poço, preocupando-se não com o tempo calculável, mas com a dissolução

³² MANN, 1947.

³³ MANN, 1947, p. 20.

³⁴ MANN, 1947, p. 38.



desse tempo entre a tradição, a profecia e a carga de presente potencial. Nessa incursão, vislumbrou a loucura dos homens e de seu Deus que, em qualquer tempo, transforma(ra)m indulgência em julgamento e em ruína — mas alguma voz norteadora interpreta(va) sinais e escapa(va) das destruições.

E é nesse contexto que se movia José — o homem bíblico, o manniano ou o dos estranhos céus portugueses —, envolto pelo bastidor da tradição a que o seu nome contemplava (ou fomentaria): “há mistério nos nomes e estou em afirmar que o conhecimento do dele outorga poderes para evocar essa personalidade noutras eras tão viva e conversável, ainda que ora afundada na voragem do tempo”.³⁵

De outro lado, e ao contrário das personagens que aproximam o protagonista de Ilse Losa ao José do Egito, o narrador de *Sob céus estranhos* relaciona a si e ao irmão a outra figura bíblica, Moisés — por estarem ligados a duas culturas:

Deviam ter-se sentido privilegiados em relação às outras crianças, mas na verdade não acontecia assim: eles eram antes como esse menino lendário, dentro do círculo de giz, pretendido por duas mulheres que afirmavam ambas ser a verdadeira mãe.³⁶

De acordo com Sigmund Freud³⁷, em *Moisés e o monoteísmo* (1939), a origem de Moisés seria egípcia e não hebraica, assim como a religião promulgada por ele, após a travessia pelo deserto, seria uma conversão da seita monoteísta do faraó Akhenaton. A distinção externa do povo, a circuncisão, seria também uma prática transplantada dos egípcios. O povo judeu, segundo Freud³⁸, estava fadado a “graves provas e penosos eventos” e o fato de sua crença ter passado dos egípcios para os judeus corroboraria a ideia de serem o povo escolhido por Deus e, assim, suas rígidas obrigações seriam proporcionais à recompensa destinada a eles.

Freud³⁹ enfatiza que pode ter sido difícil reconciliar a crença de que eram o povo eleito com as experiências infelizes de seu destino, entretanto, suas crenças não foram abaladas; o sentimento de culpa sufocou as dúvidas em relação ao seu Deus: “Se eles se sentiram inclinados a se espantar por ele ter permitido que um agressor violento após outro surgisse, os expulsasse e os maltratasse — assírios,

³⁵ MANN, 1947, p. 14.

³⁶ LOSA, 1962, p. 21.

³⁷ FREUD, [s.d.].

³⁸ FREUD, [s.d.].

³⁹ FREUD, [s.d.], p. 40.



abilônios, persas — ainda puderam reconhecer o poder dele no fato de todos esses perversos inimigos terem sido, por sua vez, conquistados e seus impérios se terem desvanecido” — o que se confirmou, mais uma vez, ao final da Segunda Guerra Mundial.

Assim como Josef, Moisés estaria dividido entre duas culturas, entre dois povos. Freud⁴⁰ destaca ainda que a história judaica é marcada por dualidades: dois grupos que se reuniram para formar uma nação, dois reinos que se dividiram depois, dois nomes de Deus inscritos na Bíblia. Assim, Josef/José era também, de muitas formas, dividido: pelo exílio, pela língua, pela origem. Esse homem, “prenhe de futuro”, cumpria a profecia: “E serás um destino”⁴¹, promessa que gestava bênção e condenação. Josef carregava em si os dois destinos, sendo o seu filho o termo de uma jornada e prólogo de outra — dentro da incerteza própria da vida.

Para além disso, cabe destacar que *Sob céus estranhos* demonstra por meio de seu enredo que a situação do refugiado não era compreendida por parte dos portugueses. A população, na maioria das vezes, julgava-os do mesmo modo que a sogra de José: como um bando de desocupados, “valdevinas”, que passavam a vida nos cafés “a dar a língua”⁴². Aliado a isso, os moradores locais apresentavam um complexo sentimento de empatia para com os estrangeiros, o que é destacado pela personagem Egon Frank. Segundo ele, os portugueses não podiam admitir a possibilidade de lhes suceder algo semelhante ao que ocorrera com essas pessoas, eles temiam uma mudança não prevista, ou seja, que suas vidas fossem arrastadas pela catástrofe: “Pois a pior hipótese para ele — continuou Frank — é de ser um dia escorraçado do seu solo. Por isso não quer saber de nenhuma afinidade com o fugitivo em quem presente a eventualidade de seu próprio destino”⁴³.

No contexto individual, a incompreensão é intrínseca à personagem de Egon Frank. Ele encarna o “fora do lugar”⁴⁴ em todas as vertentes: homossexual em tempo de repressão e conservadorismo, expulso da Alemanha, é também mal-entendido por seus iguais, o grupo do bar Superba. A relação de Frank e Hans, todavia, caracteriza a turbulência da situação em que se encontravam: o

⁴⁰ FREUD, [s. d].

⁴¹ MANN, 1947, p. 17.

⁴² LOSA, 1962, p. 64.

⁴³ LOSA, 1962, p. 73.

⁴⁴ SAID, 2003.



relacionamento homossexual, um dos fatores para o desterro na Alemanha, não era bem-visto, nem em Portugal nem na América do Norte, uma vez que, no decurso dos anos 1940 e 1950, até a sociedade democrática configurava-se de forma conservadora em relação às questões sexuais. A solução encontrada por eles foi o suicídio.

A concepção do romance de Ilse Losa apresenta muitos aspectos da experiência pessoal da autora — a qual também se viu imersa no universo de exclusão, sendo o feminino um dentre outros. Essa experiência, aliada à de seu irmão, transfere para a obra fatos que podem ser comprovados extratextualmente. Todavia, pode-se pensar *Sob céus estranhos* como uma autobiografia?

Philippe Lejeune⁴⁵ aponta que a autobiografia é uma narrativa em prosa retrospectiva, em que o narrador deve ser uma pessoa real. O leitor, com isso, esperaria que o horizonte de verdade pudesse ser condizente, ou seja, que o factual e o ficcional convergissem. O pacto, conforme Lejeune⁴⁶, permitiria ao leitor estabelecer uma diferença entre a autobiografia e a ficção com dados exteriores ao texto, o que requereria um conhecimento da realidade biográfica verificável que apoiasse a identidade postulada conjuntamente entre autor, narrador e protagonista. Lejeune⁴⁷ destaca ainda que o “pacto autobiográfico” seria uma espécie de contrato entre o leitor e o autor de uma autobiografia.

Na obra de Ilse Losa, não há confluência entre o nome na capa e o narrador e protagonista das memórias. Ou seja, a autora não caracteriza o romance como autobiografia, apesar de o factual condizer ao ficcional, em muitos casos. A conversão da experiência feminina para uma voz masculina joga com a subversão do cânone — uma mulher inverte a perspectiva para falar de dentro da autoridade masculina, mesmo que esta autoridade seja fragilizada por se tratar de um refugiado. O gênero é uma definição que exerce poder, e o manuseio da escrita foi — durante muito tempo — um privilégio masculino.

Ilse Losa, ao utilizar uma personagem masculina para refletir questões femininas — como o lugar da mulher na sociedade portuguesa, por exemplo — procura criticar esse espaço social onde homens e mulheres se movimentavam, apontando o “lugar sem qualidade” do feminino no universo portuense. Ao

⁴⁵ LEJEUNE, 2008.

⁴⁶ LEJEUNE, 2008.

⁴⁷ LEJEUNE, 2008.



mesmo tempo, questiona a identidade e a diferença em vários âmbitos. Nesse sentido, a questão feminina ganha relevo diante das esferas de participação e de articulação, restritas de acordo com os sexos: as mulheres se restringiriam ao ambiente privado e a esfera pública seria um universo exclusivo dos homens. A escrita memorialística de Ilse Losa, sendo assim, conflui a sua experiência pessoal com a maior liberdade de movimentos por meio de uma personagem que pode transitar por espaços restrito aos homens.

O questionamento da identidade, que atravessa todo o romance, é um dos pontos fundamentais da intriga, uma vez que o narrador reforça que as histórias dos refugiados se parecem umas com as outras, independentemente do nível social, do tempo de partida ou do sexo. Todavia, segundo Cynthia Pereira de Sousa⁴⁸, existem formas distintas de expressar as memórias masculinas e femininas: os homens tenderiam mais a acentuar o individualismo, e as mulheres definiriam suas identidades a partir de suas relações com os outros.

O sujeito do relato, não obstante, encontra credibilidade, mas, principalmente, isenção na inversão dos papéis. Além disso, a escolha do protagonista, desse José particular e coletivo, ao mesmo tempo, foi um modo de estipular a continuidade da trajetória dos patriarcas, de dar ensejo ao “nome do pai” — Jacó/Israel —, mas ainda foi uma forma de contestar esse percurso masculino através da voz que apresenta o protagonista em questão. A rememoração parte de um narrador de terceira pessoa, ou seja, de uma voz neutra.

A equidade com que aponta para a errância dos judeus perseguidos — no tempo ao contrário estipulado pelo nazismo, tempo que os levaria rumo à extinção — insere a mulher como parte desse trajeto patriarcal, masculino, porque interpõe — mesmo que de forma camuflada — a perspectiva feminina no trilhar (ou divulgar) desses passos. Assim, questiona também a história hegemônica e o silenciamento, mediante o seu próprio silenciar — o dar a voz. A conversão dos dois narradores — do hetero ao autodiegético —, assim como as duas experiências, a masculina (do irmão da autora) e a feminina (a sua), apontam para a dualidade da saga israelita: Josef/José, desse modo, carrega um nome e um destino, destino esse do qual Ilse Losa, e os tantos expatriados que conviveram com ela, compartilha.

⁴⁸ Sousa, 1996.



Referências

FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo: Três ensaios*. Rio de Janeiro: Imago, [s.d.] Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-23-1937-1939.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOSA, Ilse. *Sob céus estranhos*. Porto: Portugália, 1962.

MARQUES, Ana Isabel. *Paisagens da Memória: Identidade e alteridade na escrita de Ilse Losa*. Coimbra: MinervaCoimbra – Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, 2001.

MARQUES, Karina. *A construção do “Ethos” autoral losiano através do diálogo epistolar entre Ilse e Mário Dionísio*. Universidade Federal de Sergipe: Interdisciplinar, ano XI, v. 26, set.-dez. 2016. p. 137-150. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/6303>. Acesso em: 20 out. 2017.

MANN, Thomas. *José e seus irmãos*. Porto Alegre: Globo, 1947.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Cynthia Pereira. *Relatos autobiográficos generificados: estudos sobre modalidades de autonarração*. Conferência: Congresso Internacional da AFIRSE e V Colóquio Nacional da AFIRSE - Seção Brasileira AFIRSE - Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação, At João Pessoa - Paraíba – Brasil. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/302931559_RELATOS_AUTOBIOGRAFICOS_GENERIFICADOS_ESTUDOS SOBRE_MODALIDADES_DE_AUTONARRACAO_Gendered_autobiographical_reports_studies_on_self-narration_modalities. Aceso em: 27 de nov. 2017.



Recebido em: 23/02/2022.

Aprovado em: 28/02/2022.